


Comunicação, polêmicas e fake news: a revolução midiática nos séculos 15 e 16¹

Communication, Polemics, and Fake News: the Media Revolution in the 15th and 16th Centuries

Thomas Kaufmann ^[a] 
Göttingen, Alemanha
Universidade de Göttingen

Como citar: KAUFMANN, T. Comunicação, polêmicas e fake news: a revolução midiática nos séculos 15 e 16. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba, Editora PUCPRESS, v. 16, n. 01, p. 54-67, jan./abr. 2024. doi.org/10.7213/2175-1838.16.001.DS04.

Resumo

A invenção da impressão por tipos metálicos móveis por Johannes Gutenberg em meados do século 15 iniciou uma revolução midiática que daria origem a uma nova geração de “nativos da impressão”. Os reformadores, especialmente Martim Lutero, logo reconheceram o enorme potencial que esta nova tecnologia tinha e utilizaram-na para propagar a Bíblia, mas também seus próprios escritos, fazendo de Lutero o autor individual mais impresso no século 16. Ele entendeu que isso era da vontade e feita do próprio Deus. Essa ampla divulgação foi um elemento decisivo para a sobrevivência e o sucesso da Reforma. Tal como a revolução digital mais recente, produziu uma expansão gigantesca da comunicação, e com ela também de polêmicas e de fake news. No entanto, Lutero também organizou a reimpressão de oponentes – inclusive do Corão – para melhor efeito do argumento contra eles.

Palavras-chave: Impressão. Revolução midiática. Martim Lutero. História da Reforma.

¹ Originalmente apresentado como palestra pública online no dia 8 de novembro de 2023 a convite do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR, em língua inglesa. O texto foi revisado pelo autor e traduzido, com apoio do tradutor do MS Word, para o português do Brasil por Eduardo Vianna Loewem e revisado por Rudolf von Sinner.

[a] Doutor em Teologia e Livre-Docente em História da Igreja. E-mail: thomas.kaufmann@theologie.uni-goettingen.de

Abstract

The invention of the press by mobile metal types by Johannes Gutenberg in the mid-15th century initiated a media revolution that would bring forth a new generation of “printing natives”. The Reformers, especially Martin Luther, soon recognized the enormous potential this new technology had and used it to propagate the Bible as well as their own writings, making Luther the most printed single author in the 16th century. He understood this to be of God’s own will and making. Such wide dissemination was a decisive element for the survival and success of the Reformation. Like the more recent digital revolution, it produced a gigantic increase in communication, and with it also of polemics and fake news. However, Luther also had opponents – including the Qur’an – reprinted for better effect of argument.

Keywords: *Printing. Media Revolution. Martin Luther. Reformation History.*

Introdução: a revolução midiática

Começarei com algumas observações gerais: a impressão de tipografia com tipos móveis de metal é uma invenção que marcou época; está associada ao trabalho de Johannes Gensfleisch, chamado Gutenberg, de Mogúncia (Mainz).² Os efeitos culturais desta invenção são tais que, sem ela, a Reforma e outros desenvolvimentos na direção da Europa moderna teriam sido inimagináveis. Em longos processos experimentais, Gutenberg havia conseguido desenvolver um método que combinava várias práticas técnicas: impressão em tipografia com carimbos, que já haviam sido usados para imprimir panos e capas de livros; a técnica de fundição conhecida da confecção de sinos; o processo de gravura conhecido do ofício de ourives; as prensas usadas na vinificação e nas fábricas de papel que vinham surgindo na Alemanha desde o final do século 14, o que garantia uma transmissão uniforme de força. O núcleo da invenção pioneira de Gutenberg foi dividir os textos em suas menores unidades, as 26 letras do alfabeto latino, e por meio de combinações arbitrárias criar palavras e textos sempre novos a partir de um conjunto de tipos que poderiam ser usados repetidamente. A escolha de um material durável, principalmente chumbo, garantiu a usabilidade do material do tipo a longo prazo.

A ideia orientadora de Gutenberg era reproduzir manuscritos elaborados de livros de forma bela, correta, legível e em maior número. No que diz respeito à decoração dos livros, orientou-se largamente pela estética dos códices manuscritos e pela experiência da sua produção. O pergaminho, mais precioso e, também, mais resistente, continuou a desempenhar uma função importante, ao lado do papel como material de impressão. O potencial da tipografia com tipos móveis e suas consequências sociais, que iam muito além das perspectivas de Gutenberg, só gradualmente se tornou aparente no decorrer das décadas seguintes.

Os primórdios da produção de tipografia de Gutenberg com tipo móvel de chumbo datam do início da década de 1450; em 1500 já havia mais de mil oficinas de impressão em mais de 150 cidades em toda a Europa.³ Na virada do século, estas tinham produzido cerca de 30.000 títulos diferentes em cerca de 9 milhões de impressões individuais; é provável que mais livros tenham sido produzidos nas cinco décadas da "era Gutenberg" do que em todo o milênio anterior da Idade Média latina, em todas as *scriptoria* monásticas juntas. A rápida difusão da nova tecnologia de reprodução, iniciada durante a vida de Gutenberg em oficinas alemães e italianas, em Bamberg, Estrasburgo, Colônia, Subiaco a oeste de Roma e em Veneza, foi euforicamente afirmada por aqueles contemporâneos cujo propósito de vida era o livro.⁴ A nova tecnologia também foi amplamente acolhida e rapidamente utilizada por autoridades da Igreja e do Estado e membros de instituições educacionais contemporâneas, especialmente escolas latinas e universidades (Limbach 2021).

Embora o desejo de tornar acessíveis e divulgar textos veneráveis e sagrados tenha sido o impulso mais importante, especialmente a Bíblia latina, o primeiro livro impresso de todos os tempos, já era evidente com o próprio Gutenberg que as lucrativas "impressões pequenas" formavam uma importante fonte de renda. Eram repetidamente usadas para neutralizar os riscos econômicos de projetos tipográficos de grande escala. Essas "impressões pequenas" já incluíam calendários, gramáticas escolares latinas, panfletos contra os turcos, que haviam chegado ameaçadoramente

² Cf. para os aspectos gerais EISENSTEIN, 2009; KAUFMANN, 2019; 2022.

³ Dados estatísticos disponíveis em PETTEGREE, 2010.

⁴ Dados bibliográficos sobre impressões do século 15 estão disponíveis completamente em „Gesamtkatalog der Wiegendrucke“, hospedado na Staatsbibliothek em Berlim (<https://www.gesamtkatalogderwiegendrucke.de/>); cf. também „Incunacula Short Title Catalogue“ (https://data.cerl.org/istc/_search).

"perto" desde a conquista de Constantinopla (1453), panfletos sobre todos os tipos de temas atuais e, sobretudo, cartas de indulgência (cf. Eisermann, 2011). No contexto de uma campanha de indulgência para uma cruzada turca, 190.000 indulgências teriam sido impressas, algumas em precioso pergaminho.

Os efeitos a longo prazo da impressão são incalculáveis: em contraste com as condições de transmissão de textos na era dos manuscritos, em que se perdeu uma quantidade desconhecida de escritos da Antiguidade e da Idade Média, a impressão foi capaz de preservar e divulgar um gigantesco patrimônio da história humana. Através da impressão, tornaram-se e permaneceram presentes tradições espirituais que não estavam de modo algum livres de tensão com o cristianismo latino sob a liderança dos papas romanos. O que foi impresso desde então de alguma forma permaneceu "no mundo" e foi disponibilizado através de bibliotecas. A diversificação de diversas tradições intelectuais, que promoviam e exigiam confrontos produtivos, é consequência do fato de que o "conhecimento" entrava no mundo por meio da impressão, a qual não podia ser permanente e completamente limitada por meio da censura e de procedimentos de seleção. A história da censura pré-moderna é, em geral, uma história de fracasso.

Gosto de me referir aos grupos que "fizeram" a impressão na Reforma como "atores do livro" (Kaufmann, 2019, p. 6-7): autores, impressores, tipógrafos, revisores, cortadores de formulários e guias de livros, ou seja, potencialmente todas as pessoas envolvidas no processo de criação e distribuição de um livro. Via de regra, pode-se supor que os "atores do livro" buscavam e conheciam "seu" público e, não menos importante, por interesses comerciais, atendiam e, possivelmente, satisfaziam certas necessidades dos leitores e compradores. É evidente que oferta e demanda também se correlacionaram com o mercado livreiro do período da Reforma e que o número de reimpressões fornece informações sobre os interesses do leitor e do comprador.

Lutero, a Reforma e a impressão

O significado da impressão para a Reforma está muito além da geralmente conhecida reprodução técnica em massa de certos conteúdos teológicos da Reforma. Da mesma forma que a digitalização afeta nossa civilização em sua essência, no que diz respeito à primeira revolução midiática no limiar da era moderna latino-europeia, será possível pressupor que a reprodução tipográfica de escritos e imagens também moldou e mudou profunda e duradouramente aqueles que a manipularam e foram afetados por ela. Martin Lutero foi a figura central da convulsão na história da comunicação que chamamos de Reforma.⁵ E ele foi o publicitário mais brilhante e o ator de livros de maior sucesso de seu tempo. Nenhum autor individual do século 16 foi impresso com mais frequência do que o reformador de Wittenberg. Somente até 1525, 1.737 diferentes edições impressas de seus escritos foram contadas, mais de 80% das quais em língua alemã. Até o momento de sua morte, havia cerca de 4000 impressões diferentes - sem contar os hinários ou as edições da Bíblia. A maior coleção individual de impressões de Lutero até o ano de sua morte, 1546, está hoje na *Herzog August Bibliothek* em Wolfenbüttel: compreende cerca de 2310 impressões em 5910 exemplares, ou seja, cerca de 60% de todas as edições. Seu (da coleção) processamento bibliográfico preciso parece ter demorado tanto quanto Lutero levou para escrevê-las, ou seja, mais de trinta anos.⁶

⁵ As mais atuais biografias de Lutero são: SCHILLING, 2017; ROPER, 2016; para a história da Reforma ver KAUFMANN, 2023.

⁶ Ver *Katalog der Wolfenbütteler Lutherdrucke 1513–1546* (Maria von Katte) (<http://lutherkat.hab.de/>).

Com relação ao número de impressões totais ou parciais da Bíblia, assumimos 84 reimpressões em Wittenberg e 253 reimpressões publicadas fora de Wittenberg. O número de cópias da Bíblia impressas era geralmente maior do que o de outras obras impressas. Foram impressos 3.000 exemplares da primeira edição do Novo Testamento na tradução de Lutero que apareceu em setembro de 1522, há mais de 500 anos. O mais importante impressor da Bíblia em Wittenberg desde meados da década de 1520, Hans Lufft, alegadamente teria impresso 100.000 cópias de toda a Bíblia entre 1534, ano em que a primeira Bíblia completa de Lutero apareceu, e 1584. Naquela época, a cidade universitária de Saxônia era o centro de impressão mais produtivo da Europa.⁷ Jogos de números desse tipo documentam uma coisa acima de tudo: Lutero teve um sucesso análogo com seus próprios textos e com a "sua" tradução da Bíblia. Se o homem tivesse ganhado dinheiro com seus livros, ele teria sido muito rico. Mas não ganhava nada com eles; às vezes ele tinha que lutar para receber pelo menos uma cópia gratuita de uma Bíblia impressa. Como Lutero agiu como agente do livro? O que ele sabia sobre o mercado livreiro? Como seus comportamentos ao lidar com o livro se comparam com os outros (cf. Flachmann, 1996)? Há razões identificáveis para seu sucesso singular?

Para Lutero, assim como para os outros reformadores nascidos entre 1480 e 1500, lidar com a imprensa já havia se tornado parte elementar de suas vidas. Em muitos casos, eles estavam intensamente envolvidos com processos de produção de livros em um estágio inicial. Em analogia aos filhos do nosso *aeon* [de nossa era, n.T.], que são chamados de "nativos digitais", gostaria de chamar sua geração de "nativos de impressão"; muitas vezes aprendiam grego e hebraico de forma autodidata, a partir de livros impressos (Kaufmann, 2022, p. 217-222). Aspiravam possuir livros; participaram de sua distribuição, mesmo bem antes dos desdobramentos da Reforma; mantinham contatos intensivos com gráficas e revendedoras de livros; comunicavam-se incessantemente em suas cartas sobre livros recém-publicados; participavam da produção de novas obras impressas e, como Johannes Reuchlin e seus partidários na disputa com aqueles "homens das trevas" que queimavam a literatura judaica, viam-se como preservadores e multiplicadores de livros.

O clima geralmente eufórico em relação à impressão de livros, que se refletiu logo após meados do século 15 em declarações relevantes, especialmente da parte dos humanistas, tornou-se uma questão natural por volta de 1500 entre aqueles que manuseavam livros e haviam passado a um consenso cultural. É claro que Lutero só entrou em contato mais próximo com o comércio de livros em um momento relativamente tardio de sua "carreira". Ainda em dezembro de 1516, ele confessou que era completamente incapaz de avaliar que tipo de literatura seria útil e popular entre o público; afinal, ele já estava convencido naquela época que o sucesso de um livro dependia unicamente da graça de Deus.⁸

As avaliações de Lutero sobre a imprensa superam as de todos os outros contemporâneos em sua abundância e densidade. Para ele, a impressão tinha significado de história da salvação; sem livros impressos não haveria "arte" - no sentido de conhecimento e ciência -, não haveria preservação da cultura, não haveria Evangelho - até o Último Dia! A impressão de livros não se devia simplesmente à engenhosidade humana; foi o último e mais elevado dom de Deus, que lhe permitiu difundir a verdadeira religião em todas as línguas até aos confins da terra. "A impressão é o dom mais elevado e

⁷ Para referências bibliográficas sobre a impressão de biblias ver WA.DB 2; para publicações no Sacro Império Romano ver VD16: Verzeichnis der Drucke des 16. Jahrhunderts (<https://www.bsb-muenchen.de/kompetenzzentren-und-landesweitestdienste/kompetenzzentren/vd-16/>).

⁸ Ver WA.Br Vol. 1, Nr. 30, p. 78, 40-43 (Lutero a Georg Spalatin, 14.12.1516).

extremo da graça através do qual Deus promove a causa do Evangelho: é a última chama antes da extinção do mundo" (Kaufmann, 2019, p. 209-216). Na e através da imprensa, Deus estava agora, no fim dos tempos, permitindo uma propagação definitiva do Evangelho, a palavra de salvação de Deus, que superava todos os esforços anteriores. Para os reformadores de Wittenberg, a invenção de Johannes Gutenberg, que pretendia servir à igreja e ao seu livro mais sagrado, a Bíblia latina, a Vulgata, correu em direção à obra profética do próprio Lutero no fim dos tempos.

O objetivo final da impressão para Lutero era, portanto, permitir a "Reforma" - uma perspectiva compartilhada por outros reformadores e que acabou dominando a cultura protestante da lembrança, na qual Gutenberg se tornou o antecessor de Lutero. A impressão e a pregação deveriam fortalecer-se mutuamente. Porque as *artes*, as artes liberais, estavam florescendo e Deus tinha dado a imprensa, o sistema da igreja papal tinha começado a enfraquecer. A reforma acadêmica de Wittenberg, realizada no espírito do humanismo e que seria uma alavanca da reforma da igreja, colocou a Bíblia e os Padres da Igreja no centro, pressupunha - segundo Lutero já tão cedo quanto em maio de 1519 - uma infraestrutura tipográfica funcional. A Reforma de Lutero deveu-se à impressão em tipografia e precisava dela.

Lutero acreditava que o aumento da disponibilidade de livros através da imprensa resultaria em um novo tipo de capacidade de julgar por parte dos leigos. O fato de Johannes Eck ter menosprezado o colega de Lutero, Karlstadt, durante a disputa de Leipzig, porque este usava notas e livros - indignos de um teólogo - e arrancava aplausos da plateia por isso, Lutero chegou a denunciar duramente em termos publicitários: em sua opinião, isso mostrava que o colega de Ingolstadt [i.e. Eck, n.T.] não estava preocupado com a verdade, mas com o exibicionismo populista, com a *gloria*, a honra vã (Kaufmann, 2019, p. 23).

Do ponto de vista dos de Wittenberg, o livro impresso simbolizava seriedade, objetividade e o esforço consciente para produzir argumentação filologicamente precisa, textualmente adequada. A partir de 1519, os de Wittenberg fizeram tudo o que podiam para permitir que um público mais amplo, letrado e no vernáculo participasse de seus debates. Isso os distinguiu fundamentalmente de seus oponentes da igreja papal e fez aqueles empurrar estes diante deles através de seus escritos impressos.

O apego dos reformadores à palavra impressa era profundo e notório. Como era inerente à verdade penetrar na esfera pública, a publicação impressa era a forma de comunicação que lhe era apropriada. Para Lutero, imprimir era sinônimo de algo ter saído por todo o mundo e se tornado certo. A impressão de literatura catequética relevante destinava-se a ajudar as pessoas comuns pobres em Cristo. Escritos sobre a cultura e a religião dos turcos, os chamados *turcica*, também foram publicados (Döring, 2013). *Turcica* foram impressos pelo reformador de Wittenberg para apoiar os cristãos assediados pelos otomanos em sua luta contra a fé estrangeira.

Para Lutero, o documento impresso tinha função testemunhal: "Através da impressão pública" conseguiu-se que "aqueles que vivem e permanecem depois de mim tenham o meu testemunho e confissão a que recorrer" (WA 50, 193, 23; 194,4-6), pôde formular. Embora ele afirmasse que não tinha objeção a que seus próprios livros "todos fossem perdidos" (WA 38, 133,8), a importância destes era indiscutível para ele quando se tratava de "aprender e apreender as histórias e a história deles [...] como foi para mim, aliás para a querida palavra de Deus" (WA 38, 134,6-7). Lutero viu a vontade de Deus agindo no efeito da literatura impressa. A imprensa também serviu a Lutero como alegoria para a ação histórica de Deus: assim como um impressor coloca suas letras ao contrário, assim Deus age de forma

ambígua, em segredo, e só será compreensível e "legível" *sub specie aeternitatis*, tendo em vista a eternidade - como um texto impresso.

A eficácia da publicidade de Lutero

Na geração dos reformadores, a Feira do Livro de Frankfurt tornara-se um ponto fixo de referência para o comércio livreiro, para a comunicação condensada e para os meios privilegiados de divulgação de livros e notícias de todos os tipos. Aqui, juntaram-se fios que, de outra forma, teriam dificuldade em encontrar-se; aqui, foram acordadas cooperações entre tipógrafos e livreiros; aqui, as áreas de língua, cultura e impressão do Médio e Alto Alemão se encontraram e, ao mesmo tempo, se conectaram com os *players* do mercado livreiro europeu.

Em fevereiro de 1519, Lutero recebeu uma carta do editor de Basileia Johannes Froben, que o apresentou aos mecanismos de distribuição internacional de uma das mais poderosas tipografias oficiais no império.⁹ Em outubro de 1518, Froben tinha publicado uma primeira edição em latim, com um prefácio anônimo, de todos os escritos latinos de Lutero publicados até agosto de 1518, algumas das teses de Karlstadt e o primeiro escrito por um teólogo romano contra ele, o "Dialogus sobre o poder papal" de Sylvester Prierias. Apenas um quarto de ano depois é que o reformador de Wittenberg ouviu, agora através do próprio impressor, falar desta edição colecionada, que o tornaria conhecido noutros países europeus. De acordo com Froben, a edição coletiva se deu da seguinte forma: um livreiro de Leipzig chamado Blasius Salomon, que frequentava regularmente as feiras de Frankfurt e se esforçava para aproximar Leipzig do comércio livreiro alemão, havia dado a Johannes Froben uma série de escritos de Lutero na Feira de Outono de Frankfurt de 1518 (29 de agosto a 8 de setembro). Através do julgamento de muitos estudiosos - provavelmente principalmente do meio humanista da Basileia, ou seja, atores como Beatus Rhenanus ou Wolfgang Fabricius Capito - Froben recebeu confirmação de que os escritos de Lutero eram geralmente aprovados. É por isso que ele mandou reimprimir esses escritos imediatamente na sua própria gráfica. No entanto, ele se absteve de marcá-los pelo nome e indicar o local de impressão. Isso correspondeu à tendência que se tornou cada vez mais aparente em 1518 de ocultar a origem da produção crescente de impressões de Lutero. Imediatamente após a conclusão da impressão, no final de outubro ou início de novembro, a distribuição desta primeira edição coletiva de Lutero começou na Espanha e na França: Froben entregou seiscentos exemplares da impressão a Paris. A partir daí, foram distribuídos com sucesso na capital francesa, por um lado, e revendidos para a Espanha, por outro. Como a transação havia ocorrido após a Feira de Frankfurt, Froben usou canais de distribuição estabelecidos para Paris. A resposta positiva de estudiosos individuais da Sorbonne, que consideravam o tratamento franco da Bíblia por Lutero como estabelecendo a tendência do momento, certamente foi mencionada pela gráfica de Basileia para encorajar Lutero. Isso também se aplica às notícias sobre um envio de livros de Lutero para Brabante e Inglaterra e as referências ao fato de que o bispo de Basileia, Christoph von Utenheim, seu bispo auxiliar Telamonius Limpurger, bispo de Trípoli, ou o cardeal Matthaeus Schiner, o bispo-príncipe de Sion, haviam se expressado de forma extremamente positiva sobre Lutero e seus escritos. Froben manteve contatos bem estabelecidos com

⁹ SEBASTIANI 2018; WABr 1, 332-334; KAUFMANN, 2019, p. 43-49.

o episcopado que estava aberto à educação e ao humanismo. Este exemplo ilustra que a Reforma se baseou numa rede europeia de comércio de livros e promoveu o seu contínuo desenvolvimento.

Mais algumas observações sobre as atividades de Lutero como publicitário. Desde o início da disputa sobre as indulgências, no outono de 1517, que também eclodiu porque Lutero, na minha opinião, mandou ele mesmo imprimir as 95 Teses duas vezes - uma em Wittenberg (a impressão se perdeu), outra em Leipzig - e Adam Petri publicou uma edição *quarto* através da qual as 95 Teses receberam seu título (*Pro declaratione virtutis indulgentiarum*) - desde o início da disputa das indulgências, ele se esforçou incessantemente para que seus textos fossem impressos o mais rápido possível em uma forma tão aceitável quanto possível.

A maioria de seus primeiros textos foram publicados na única gráfica existente em Wittenberg na época, a de Johannes Rhau-Grunenberg, e foram corrigidos principalmente pelo próprio Lutero. A partir de 1518, no entanto, Lutero repetidamente recorreu a impressores de Leipzig. Com base em sua experiência com a gráfica de Melchior Lotter durante a Disputa de Leipzig, ou seja, no verão de 1519, quando ele estava imprimindo seu comentário sobre Gálatas, ele e seus colegas pressionaram para que Lotter abrisse uma filial em Wittenberg. No início de 1520, Lutero dispunha de uma infraestrutura tipográfica que possibilitava a publicidade que levou à Reforma (cf. Kaufmann, 2019, p. 101-111).

Os anos entre 1518 e 1521 foram caracterizados por um notável dinamismo publicitário, que estava decisivamente ligado ao fato de que todas as controvérsias essenciais em que Lutero entrou foram conduzidas por meios literários e divulgadas na imprensa. Além disso, Lutero informou e envolveu o "público" de forma inédita e inusitada sobre fatos marcantes do julgamento contra ele - sua conversa com Caetano em Augsburg, por exemplo, ou seus apelos a um concílio - por meios jornalísticos. Não raro, Lutero, seus colegas de Wittenberg e os impressores que os serviam faziam uso de meios e formas "experimentais" e inovadores. A impressão em tipografia, a experiência de Lutero de que sua celebridade induzida tipograficamente salvou sua vida e um desejo de se comunicar fundamentado em suas preocupações teológicas - esses fatores tornaram a Reforma possível.

Além de suas controvérsias, o eremita agostiniano de Wittenberg desenvolveu uma rica atividade literária, especialmente no vernáculo. Tornou-se um escritor amplamente lido de literatura devocional (Kaufmann, 2019, p. 111-117). O "fenômeno" de Lutero na história da impressão estava decisivamente ligado ao fato de que ele foi capaz de cobrir um espectro muito amplo de formas textuais e possibilidades de expressão nas línguas latina e alemã, tanto como consolador e pregador literário quanto como polemista e exegeta. Lutero estava bem ciente de suas habilidades de escrita, que eram favoráveis ao processo de impressão. Em uma carta a Spalatin em fevereiro de 1520, ele observou que os textos fluíam rapidamente e sem esforço de sua caneta. No entanto, sentia que não enfrentava os desafios que lhe eram postos.¹⁰ Este último fato contribuiu para que ele trabalhasse duro em si mesmo e melhorasse constantemente sua capacidade de se expressar, especialmente em alemão.

Reimprimindo os oponentes

¹⁰ WABr 2, p. 36,34-36 (8.2.1520).

Um novo momento editorial nas relações de Lutero com seus oponentes foi que ele lutou contra seus textos reimprimindo-os. Lutero lidou com outros oponentes do campo da Velha Igreja de maneira semelhante a como ele lidou pela primeira vez com o teólogo da Cúria Silvestre Prierias. Assim, na primavera de 1520, imprimiu sua *Responsio* juntamente com as condenações doutrinárias das universidades de Louvain e Colônia, às quais também se referiu imediatamente na impressão do *Epitoma contra Prierias*. Um procedimento semelhante foi seguido mais tarde com a *Determinatio* de Paris, mas também com outros documentos opostos: a bula *Exsurge domine*, que [Ulrich von, n.T.] Hutten editou, junto com um prefácio e epílogo e glosas detalhadas, e que Spalatin, provavelmente de acordo com o príncipe-eleitor, publicou em uma tradução alemã. Essa estratégia ainda foi usada na impressão de Basileia de uma tradução latina do Corão (cf. Bobzin, 1995), promovida por Lutero e Melanchthon em 1543, que foi feita com a intenção de prejudicar o feroz inimigo religioso do Oriente. Essa abordagem publicista baseava-se na convicção de que as disputas e divisões religiosas (1 Co 10,19) eram inevitáveis e que a "verdade" deveria prevalecer contra a oposição e certamente prevaleceria. A convicção de Lutero, expressa em seu debate com Thomas Müntzer, de que é preciso deixar "espíritos irromperem uns sobre os outros", bem como a rivalidade literária com Karlstadt, confirmada pelo sinal exterior de um florim de ouro, e a expressão jornalística de conflito, por exemplo, na controvérsia interna da Reforma sobre a Última Ceia, deixaram claro que a controvérsia literária aberta deveria ser considerada como um momento integral da cultura religiosa da Reforma. A forma aberta de lidar com posições que estavam sendo combatidas correspondia à situação cultural criada pela imprensa: representava o oposto radical da destruição das tradições escritas com os meios da Inquisição.

Do manuscrito à impressão

Mais algumas observações sobre a infraestrutura tipográfica de Wittenberg e sobre os métodos de trabalho de Lutero na fase de "decolagem" da tipografia de Wittenberg. No início do fatídico ano de 1520, a filial de Lotter havia iniciado suas atividades em Wittenberg. Se compararmos a quantidade de folhas agora impressas por dois escritórios de Wittenberg, o de Lotter e o de Rhau-Grunenberg, em 1520, fica claro que a produção do ramo de Wittenberg de Lotter excedeu em cerca de três vezes a de Grunenberg. Por parte dos reformadores de Wittenberg, tomou-se o cuidado de garantir que ambas as oficinas estivessem ocupadas. A emergência tipográfica dos de Wittenberg, que apareceu pela primeira vez no verão de 1518 e se tornou aguda em 1519, foi superada no início de 1520.

Várias coisas podem ser ditas sobre os métodos de trabalho de Lutero neste período inicial (Kaufmann, 2019, p. 98-124). Nenhum outro autor do período da Reforma tem tantos manuscritos impressos quanto Lutero. Com base no manuscrito de *Von den guten Werken* ["Das Boas Obras", 1520], o manuscrito impresso mais antigo por sua mão, que está preservado em Gdansk, algumas afirmações são possíveis. O manuscrito é muito legível. Lutero obviamente o redigiu imediatamente como fonte. Uma vez que o manuscrito mostra correções por sua própria mão por toda parte, pode-se supor que é o original e único manuscrito; uma versão preliminar, que teria sido transferida para uma cópia final, provavelmente não existia. O manuscrito tem uma aparência geral homogênea; o período de edição mais longo, que conhecemos pela correspondência, deixou apenas pequenos vestígios no manuscrito. Lutero estava reconhecidamente preocupado com linhas claras, as páginas de texto são regularmente escritas com cerca de 25 a 29 linhas cada. Para um tipógrafo experiente, esse manuscrito adequado deveria ter facilitado o cálculo do volume e, portanto, dos custos. A quantidade de texto em uma página

impressa correspondia aproximadamente ao tamanho de uma página de manuscrito normalmente escrita. Lutero marcou os parágrafos que pretendia recuando a linha; os subtítulos também são destacados no manuscrito. Uma revisão uniforme de todo o manuscrito pelo próprio Lutero foi, é claro, omitida. Com base nas observações do manuscrito, pode-se supor que Lutero já havia entregado as seis primeiras folhas antes que todo o manuscrito fosse concluído. O trabalho de tipografia sobre a impressão de *Von den guten Werken* já estava, portanto, em andamento, enquanto Lutero continuava a escrever o resto do tratado. O fato de ter usado o número "17" duas vezes, uma na parte já dada ao tipógrafo e outra na segunda parte, também foi consequência do fato de que a primeira parte do manuscrito já não estava mais disponível para ele. Na primeira impressão, essa duplicação de "17" não foi notada e reproduzida. Talvez eu possa também assinalar neste ponto que considero processos semelhantes responsáveis pelas inconsistências literárias no *Adelsschrift* ["À nobreza cristã da nação alemã", 1520], também impresso por Lotter. As numerosas repetições neste programa de reforma mais importante da Reforma são uma consequência do fato de que parte do manuscrito não estava mais disponível para Lutero enquanto ele continuava escrevendo. Um ou dois erros de contagem nos textos de Lutero também podem ser explicados dessa maneira. A comparação entre o manuscrito e a primeira impressão também revela detalhes do processo de produção, como a correção posterior de uma quebra de página em relação à marca tipográfica.

Com relação à realização do manuscrito de Lutero de *Von den guten Werken* na impressão de Lotter, pode-se notar o seguinte: basicamente, fica claro que o tipógrafo não seguiu a ortografia de Lutero. Algumas tendências mais gerais podem ser observadas: a quantidade de consoantes duplas tende a ser reduzida na impressão, as variedades de uma ortografia são reduzidas em comparação com Lutero, infinitivos escritos separadamente pelo reformador de Wittenberg são mais frequentemente escritos juntos e formações sonoras de dialeto são padronizadas. As grafias ainda estão longe das tendências de padronização que podem ser traçadas a partir de meados da década de 1520, especialmente nas impressões bíblicas de Wittenberg. Desvios na ortografia também podem ser explicados pelo fato de o tipógrafo ser auxiliado por um leitor de prova, ou seja, a digitação foi feita primariamente de orelha. Mas, em comparação com o original manuscrito, as impressões mostram uma clara tendência para a padronização ortográfica. Aliás, esse não foi o caso de Rhau-Grunenberg; ele seguiu seu original estritamente - e quando Lutero escreveu "Deus" [Godt] em uma frase uma vez com um *dt* duplo maiúsculo, uma vez com um *dt* pequeno e uma terceira vez com um *d* pequeno, o tipógrafo de Grunenberg reproduziu isso servilmente. No que diz respeito ao significado linguístico-histórico da Reforma em relação à criação de uma língua escrita do Novo Alto Alemão, o papel dos tipógrafos e tipógrafos deve ser muito valorizado.

As diferentes observações que podem ser feitas sobre a primeira impressão e o manuscrito de *Von den guten Werken* coincidem no fato de que Lutero e seu tipógrafo, Lotter, trabalharam lado a lado para alcançar um método de trabalho acelerado e mais eficaz. A profissionalização da produção impressa teve os seguintes momentos: Lutero escreveu desde o início para que a tipografia pudesse ser feita desde a primeira versão do texto. O tipógrafo começou a montar os tipos assim que teve disponibilidade, mesmo que o manuscrito ainda não estivesse terminado. As correções eram feitas em intervalos e não apenas quando o trabalho completo era concluído; a extensão em que o autor sempre esteve disponível para correções individuais da folha é incerta. A aceleração da produção, que resultava do fato de que as folhas completas e corrigidas geralmente tinham que ser impressas ao mesmo tempo que a edição, uma vez que o material-tipo era necessário para a montagem de novas folhas, era

consequência do fato de que uma gráfica como a de Lotter, que seguia lógicas econômicas de ação, estava interessada em um fluxo contínuo de trabalho e uma correspondente utilização de todos os especialistas envolvidos no processo de produção, e que Lutero estava ansioso para que seus textos aparecessem rapidamente.

Considerações finais

Qual é o significado histórico dos atores de livros da Reforma, em primeiro lugar Lutero? Permitam-me recapitular alguns pontos, mas também focalizá-los no contexto do presente:

1. A Reforma foi a primeira "heresia" na história do cristianismo latino que foi capaz de fazer uso precoce e ofensivo da invenção de Johannes Gutenberg. Lutero provou ser um brilhante publicista e organizador da indústria gráfica de Wittenberg no processo das primeiras controvérsias; ele buscava uma estreita cooperação com seus tipógrafos e influenciou seus métodos de trabalho.
2. Depois de Lutero, a Reforma fez uso da impressão sem restrições substanciais nas cidades e países que se abriram a ela. Desta forma, conseguiu uma ampla disseminação de pontos de vista que haviam sido legitimamente condenados pela Igreja Romana. Os meios tradicionais de combate à heresia - além da destruição física do condenado, em particular a queima de seus produtos espirituais na forma dos portadores materiais e escritos da tradição - mostraram-se completamente ineficazes no caso da Reforma. O fracasso dos partidários da Igreja Papal foi que eles julgaram mal a dinâmica da mudança da mídia. Pela correspondência entre Bonifácio Amerbach e Beato Rhenano, por exemplo, sabemos que um carrasco de Mogúncia se recusou a queimar as impressões de Lutero empilhadas diante dele na presença do núncio papal Aleander. A cena terminou em risos. Rhenanus comentou: Para cada livro de Lutero queimado, dezenas seriam reimpressos.
3. Uma vez que a "heresia" da Reforma não podia ser suprimida, a civilização latino-europeia teve de aprender, a longo prazo, a lidar com ela, bem como com outras tradições intelectuais dissonantes que se tornaram conhecidas através da imprensa e permaneceram presentes sob a forma de livros impressos. A espetacular queima de livros por parte de Lutero em 10 de dezembro de 1520 não foi um ato de censura, mas de excomunhão [do papa, n.T.]. Como resultado da impressão e sua afirmação irrestrita pela Reforma, tradições espirituais desviantes não foram mais perdidas. A destruição sistemática de livros e a queima de livros não estão documentadas em conexão com a Reforma. A cultura latino-europeia deve, provavelmente, os seus impulsos culturais essenciais à impressão de livros.
4. A produção de livros durante a Reforma caracterizou-se por uma aceleração considerável, com o objetivo de produzir o maior número possível de textos no menor tempo possível, mas sobretudo produzir tiragens mais altas. Os momentos de aceleração testados e aperfeiçoados durante 1520 através da estreita colaboração de Lutero com a recém-inaugurada filial de Wittenberg da gráfica de Leipzig Lotter tornaram-se decisivos para o processo de comunicação inicial da Reforma como um todo.
5. A rápida produção de material impresso significava que Lutero e suas preocupações eram conhecidos em muito pouco tempo, que ele já havia se tornado "famoso" na época do interrogatório de Worms, na primavera de 1521, e que ele podia ter certeza do apoio correspondente de amplos setores da população. A aparição de Lutero na Dieta de Worms

alcançou uma enorme ressonância jornalística. Mais de 100 panfletos foram impressos sobre o assunto. De certa forma, Worms foi a primeira invenção publicitária de um evento. De qualquer forma, nenhum evento na história até então havia sido objeto de publicidade mais oportuna e abrangente do que Worms. A ressonância publicitária induzida por um público emergente, por sua vez, influenciou a atitude das autoridades políticas e, como resultado, contribuiu decisivamente para que Wittenberg e seus seguidores fossem tolerados ou mesmo apoiados por alguns deles.

6. Na publicidade do início da Reforma, produtos impressos relacionados aos eventos atuais vieram à tona. Por um lado, isso levou em conta o fato de que "por volta de 1500" havia ocorrido uma certa estagnação do mercado livreiro, uma vez que a demanda por livros volumosos, "clássicos" e caros parecia estar coberta por enquanto. Por outro lado, isso andava de mãos dadas com o fato de que, no período inicial da Reforma, grupos de pessoas se tornaram autores em maior número ou apareceram como escritores da Reforma que não haviam desempenhado um papel correspondente na história anterior do livro impresso: mulheres da nobreza e da burguesia, artesãos, supostos ou reais camponeses (34 impressos apareceram em 1524 apenas sobre o falso camponês Diepold Peringer; Vogler, 1982, p. 135-151), monges e freiras fugitivos etc., tomaram a palavra e publicaram os chamados panfletos com conteúdo contemporâneo. Embora esse impulso participativo de intervenção e partilha tenha sido teologicamente alimentado pelo Sacerdócio Geral dos Crentes e dos Batizados, concebido pela primeira vez por Lutero em 1520, ele foi claramente reprimido como resultado da Guerra Camponesa.¹¹
7. Mesmo antes da Reforma, as Bíblias vernáculas eram amplamente difundidas, especialmente na Alemanha. Mas foi somente em decorrência da Reforma, que nesse aspecto também estava ligada ao humanismo - especialmente a Erasmo - que a exigência de que os leigos pudessem ler a Bíblia alcançou uma dinâmica que teve efeitos duradouros na história social. Começou há pouco mais de 500 anos, com a publicação do Novo Testamento em alemão - em setembro e dezembro (Luther, 2022). De modo geral, os esforços feitos durante a Reforma para divulgar a Bíblia leiga - inclusive na forma da tradução de Lutero - desempenharam um papel decisivo para tornar o recurso religioso autorizado do cristianismo mais conhecido do que nunca. Desde o século 16, a Bíblia no vernáculo tem sido um momento integral da cultura latino-europeia e um estimulante para processos educacionais e de alfabetização - em todas as denominações; tornaram-se uma característica da civilização ocidental.
8. Durante os processos da Reforma, a Bíblia, mas também outros textos religiosos básicos, como os catecismos de Lutero, foram rapidamente traduzidos para as diferentes línguas nacionais em vários países europeus. Em vários países ou regiões - como a Estônia, a Eslovênia, a Croácia, a Finlândia ou a Prússia - a revalorização religiosa do vernáculo no decurso da Reforma andou de mãos dadas com o fato de os textos nestas línguas terem sido escritos e reproduzidos tipograficamente pela primeira vez. Os processos de tradução e apropriação da Reforma eram geralmente acompanhados por liturgias escritas em vernáculo, cultos sendo celebrados em uma língua que pudesse ser compreendida por todos os participantes, e mídia de participação religiosa como catecismos ou canções congregacionais sendo divulgados através da imprensa. Nesse sentido, a Reforma abriu

¹¹ Para as diferenças sobre o conceito do sacerdócio de todos os crentes na teologia inicial da Reforma, ver KAUFMANN, 2018, p. 506-548.

possibilidades de participação e ampliação de oportunidades educacionais onde quer que fosse bem-sucedida.

9. Na minha opinião, os aspectos mais importantes da mudança tipográfica dos meios são os seguintes: a aceleração da comunicação; a dissolução espacial e pessoal das fronteiras entre os atores envolvidos em uma comunicação tipograficamente mediada; ampliação das possibilidades de participação, ou seja, aumento do número de atores discursivos; mudanças nas formas de ensinar e aprender; aumento do autodidatismo textos, imagens e mídias mais atuais e “presentistas”; uma “mudança estrutural na esfera pública”; transparência como resultado de relatórios diferenciados; promoção da meticulosidade na apresentação de textos na mídia impressa; aumento dos insultos; ocorrência massiva de “*fake news*”; internacionalização do espaço de comunicação; mobilização sociopolítica por meio de impressos. Acho que esses aspectos deixam claro que o que vivemos, sofremos e moldamos hoje como resultado da digitalização como uma síndrome que é diversa em termos de história social, cultural, mental e política tem certos antecedentes modernos iniciais. Em alguns aspectos, a segunda revolução midiática de nossos dias se apresenta como uma continuação da primeira. Também nós estamos experimentando uma comunicação acelerada; a comunicação na Internet tornou-se, naturalmente, global em termos de espaço e pessoas; as possibilidades de participação se multiplicaram, o número de atores no discurso é gigantesco; novas formas de ensino e aprendizagem estão surgindo, também aqui o Coronavírus teve um efeito fortalecedor; observa-se aumento do autodidatismo circulam textos, imagens e mídias mais atuais e “presentistas”; uma renovada “mudança estrutural da esfera pública” e um reajustamento das esferas pública e privada está em curso; a transparência como resultado de relatórios diferenciados tornou-se possível; a apresentação de textos e mídias aumentou enormemente e se intensificou; hoje, a imagem triunfa sobre o texto; aumento de insultos, polêmicas, assédio moral estão na ordem do dia; a ocorrência massiva de *fake news* tornou-se uma realidade política e social; a internacionalização do espaço de comunicação é enorme; a mobilização sociopolítica através da internet continua e aumenta a do meio impresso. Se encararmos a segunda como uma continuação e intensificação da primeira revolução mediática, talvez também haja esperança de que os instrumentos jurídicos e políticos que foram experimentados como resultado da primeira revolução mediática para conter os seus efeitos duvidosos possam também ser úteis para moldar a segunda revolução mediática de uma forma devidamente adaptada. Há tão poucas razões para o entusiasmo do digital-milenarista quanto há para a resignação. A ambivalência da atividade midiática de nossa espécie só pode perturbar os sonhadores. A pandemia do Coronavírus também mostrou que a era da impressão não acabou. A longo prazo, viveremos com uma variedade de meios e formas de comunicação e suas mudanças permanentes.

Referências

- BOBZIN, Hartmut. *Der Koran im Zeitalter der Reformation: Studien zur Frühgeschichte der Arabistik und Islamkunde in Europa*. Stuttgart 1995.
- EISENSTEIN, Elisabeth. *The Printing Revolution in Early Modern Europe*. 14. reimpressão. Cambridge 2009.
- EISERMANN, Falk. Der Ablass als Medienereignis. Kommunikationswandel durch Einblattdrucke im 15. Jahrhundert. In: HAMM, Berndt; LEPPIN, Volker; SCHNEIDER-LUDORFF, Gury (org.). *Media Salutis*.

Gnaden- und Heilsmedien in der abendländischen Religiosität des Mittelalters und der Frühen Neuzeit, Tübingen: Mohr Siebeck, 2011. p. 121-143.

DÖRING, Karoline Dominika. *Türkenkrieg und Medienwandel im 15. Jahrhundert*, Husum: Matthiesen, 2013.

FLACHMANN, Holger. *Martin Luther und das Buch*. Eine historische Studie zur Bedeutung des Buches im Handeln und Denken des Reformators. Tübingen: Mohr Siebeck, 1996.

KAUFMANN, Thomas. *Der Anfang der Reformation*. 2. ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2018.

KAUFMANN, Thomas. *Die Mitte der Reformation*. Eine Studie zu Buchdruck und Publizistik im deutschen Sprachgebiet, zu ihren Akteuren und deren Strategien, Inszenierungs- und Ausdrucksformen. Tübingen: Mohr Siebeck, 2019.

KAUFMANN, Thomas. *Die Druckmacher*. Wie die Generation die erste Medienrevolution entfesselte. München: C.H. Beck, 2022.

KAUFMANN, Thomas. *The Saved and the Damned*. A History of the Reformation. Oxford: Oxford University Press, 2023.

LIMBACH, Saskia. *Government Use of Print: Official Publications in the Holy Roman Empire, 1500-1600*. Frankfurt/Main: Klostermann, 2021.4

LUTHER, Martin. *Das Neue Testament Deutsch (Dezembertestament)*. Editado por Thomas Kaufmann. Frankfurt am Main/Leipzig: Verlag der Weltreligionen, 2022.

PETTEGREE, Andrew. *The Book in the Renaissance*. New Haven/London: Yale University Press, 2010.

ROPER, Lyndal. *Martin Luther: renegade and prophet*. New York, 2016.

SEBASTIANI, Valentina. *Johann Froben, Printer of Basel*. A Biographical Profile and Catalogue of His Editions, Leiden/Boston: Brill, 2018.

SCHILLING, Heinz. *Martin Luther: rebel in an age of upheaval*, Oxford 2017.

VOGLER, Günter. *Nürnberg 1524/25*. Berlin: Deutscher Verlag der Wissenschaften, 1982.

WA [Weimarer Ausgabe]. *D. Martin Luther's Werke: kritische Gesamtausgabe*. Weimarer: Hermann Böhlau, 1983ss.

RECEBIDO: 28/03/2024
APROVADO: 05/05/2024

RECEIVED: 28/03/2024
APPROVED: 05/05/2024